

## Ideologia em gêneros discursivos pela análise associada da Linguística Sistêmico-Funcional e Linguística de *Corpus*: cantigas galego-portuguesas

### Ideology in discursive genres by the associated analysis of the Systemic-Functional Linguistics and Corpus Linguistics: Galician-Portuguese chants

Ulisses Tadeu Vaz de Oliveira \*

---

**RESUMO:** Recentes pesquisas linguísticas no escopo da Linguística Sistêmico-Funcional e Linguística de *Corpus* permitiram grandes avanços no entendimento da microestrutura e macroestrutura textual, devido à crescente preocupação de qualificar dados quantitativos, em especial as escolhas lexicogramaticais e os padrões de ocorrências em gêneros discursivos. Assim, a associação das ferramentas metodológicas fornecidas pelo arcabouço teórico de ambas as teorias permite um estudo abrangente do texto, uma vez que a análise cruzada de dados pode evidenciar importantes padrões de uso da língua para o reconhecimento e uso de gêneros discursivos. De fato, a recorrente discordância na definição de gêneros do discurso ocorre, em grande medida, pois a estabilidade relativa de gênero (cf. Bakhtin, 1992) ocorre em diferentes níveis linguísticos. A ideologia, considerada uma dimensão contextual superior, fica geralmente desprestigiada nas análises de gênero, justamente por seu caráter amplo e multinível, o que dificulta a manipulação de dados pelo pesquisador. Portanto, o artigo apresenta uma proposta de análise cruzada, ou seja, uma associação teórico-metodológica envolvendo a Linguística Sistêmico-Funcional e a Linguística de *Corpus*, para a delimitação de complexos ideológicos visualizados nos padrões de ocorrência de participantes-chave no discurso e o significado logogenético obtido da representação da experiência (metafunção ideacional) em cantigas de amor galego-portuguesas.

---

**ABSTRACT:** Recent linguistic research in the scope of Systemic-Functional Linguistics and Corpus Linguistics allowed major advances in understanding textual micro and macrostructure due to the growing concern to qualify quantitative data, especially lexicogrammatical choices and patterns of occurrence in genres. Therefore, the combination of methodological tools provided by the theoretical framework of both theories allows a comprehensive study of the text, since the cross-analysis of data might show significant standards of use of languages in order to recognize and use a given genre. In fact, the recurring disagreement about the definition of discursive genres is largely due to the relative stability of genres (cf. Bakhtin, 1992) that materialize at different linguistic levels. Ideology – assumed as a detectable and noticeable higher contextual dimension – is generally discredited in genres analysis, precisely because of its broad and multilevel characteristic, which makes data manipulation harder for the researcher. Therefore, this article proposes a cross-analysis, there is a theoretical-methodological association between the Systemic-Functional Linguistics and Corpus Linguistics in order to unveil the ideological complexes obtained from the patterns of occurrence of key participants (w-participants) in the discourse and the logogenetical meaning resulted from the representation of the experience (ideational metafunction) in Galician-Portuguese chants of love.

---

---

\* Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP. Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: [ulisvaz@gmail.com](mailto:ulisvaz@gmail.com)

---

**PALAVRAS-CHAVE:** Gêneros discursivos. Linguística Sistêmico-Funcional. Linguística de *Corpus*. Ideologia.

---

**KEYWORDS:** Discursive genres. Systemic-Functional Linguistics. *Corpus* Linguistics. Ideology.

---

## 1. Introdução

A escolha do tema deste estudo, isto é, o papel da ideologia em gêneros discursivos, deve-se prioritariamente às escassas pesquisas sobre gênero que estabeleçam correlação de aspectos ideológicos macro e microestruturais na delimitação de gêneros discursivos. Outrossim, a análise cruzada, isto é, uma associação teórico-metodológica entre a Linguística Sistêmico-Funcional e Linguística de *Corpus* revela-se absolutamente valiosa pela exequibilidade de um rigor científico, o qual é alcançado pela sobreposição de pesquisas quantitativas e qualitativas.

Para a Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) é importante o fato de que escolhas realizadas na microestrutura textual revelam significados nem sempre explícitos na macroestrutura do discurso. Pesquisas complementares (FAIRCLOUGH, 1992; FAIRCLOUGH; WODAK, 1997; FOWLER, 1996a) evidenciam de que forma noções como o alinhamento (*frame*) e a intersubjetividade participam para estabelecer uma relação fundamental entre os interlocutores (GOFFMAN, 1974) e sua interação com o texto.

A Linguística de *Corpus* (doravante LC), por sua vez, ocupa-se da coleta e cotejo de *corpora*, ou conjuntos de dados linguísticos textuais, os quais são obtidos criteriosamente em bancos de dados com vistas a alicerçarem pesquisas de uma língua ou variedade linguística (BERBER-SARDINHA, 1999). Segundo Berber-Sardinha (2000, p. 1) a LC “dedica-se à exploração da linguagem através de evidências empíricas, extraídas por meio de computador” e sua influência para pesquisa linguística é grande.

A associação da LSF e a LC está enquadrada na proposta da Linguística Crítica, uma abordagem desenvolvida desde a década de 1970 por um grupo da Universidade de East Anglia (FOWLER, 1996b; KRESS, 1982). A Linguística Crítica tenta conciliar um método de análise linguística textual com uma teoria social do funcionamento da linguagem em processos políticos e ideológicos (OLIVEIRA, 2008).

## 2. Gêneros discursivos

O corolário sobre gênero baseia-se amplamente nas ideias difundidas por Bakhtin (1986, [1952-1953], 1992), para quem a unidade real da comunicação verbal é o enunciado. O enunciado reproduz em seu conteúdo (temático) e seu estilo (verbal) as condições específicas e

as finalidades de uma meta comunicativa, no enquadre de um determinado contexto. Ou seja, a construção composicional reflete seleções conscientes operadas através de recursos da língua: lexicais, fraseológicos e gramaticais.

Para Bakhtin (1992, p.281), os gêneros do discurso são “tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados por cada esfera de utilização da língua”. Portanto, a língua em uso deve ser o objeto do linguista, uma vez que ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que moldam a variedade do discurso levam ao formalismo e à abstração, desvirtuando a historicidade do discurso e enfraquecendo o vínculo existente entre a língua e a vida (BAKHTIN, 1986, [1952-1953], p. 282).

A importância dos estudos bakhtinianos é tamanha, que uma série de pesquisadores desenvolveu pesquisas e teorias no esteio da ideia geral do filósofo russo. Bathia (2004) destaca três enquadres desenvolvidos e usados na análise de gênero:

(a) a escola americana, representada por trabalhos como de Miller (1994), Bazerman (1994) e Berkenkotter; Huckin (1995);

(b) a escola australiana, com uma abordagem funcionalista de gênero, representada por Martin (1984, 2005) e Martin; Christie; Rothery (apud HYLAND, 2003).

(c) a escola britânica, representada pelos estudos de Swales (1990) e Bathia (1997, 2004, 2014).

Trabalhos como os de Bathia (1997, 2014), Hyon (1996) e Yunick (1997) apresentam diversas informações para o pesquisador interessado em aprofundar os conhecimentos sobre os enquadres supracitados. No que circunscreve este artigo, aproximamo-nos da visão sistêmico-funcional sobre gênero. Alguns estudos merecem especial destaque, conforme apresentaremos adiante.

Martin (1984) define gênero como uma atividade organizada em estágios, orientada para uma finalidade, na qual os falantes se envolvem como membros de uma cultura<sup>1</sup>. Dessa forma, para o autor, o gênero pode ser visto tanto como um produto cultural determinado pelo contexto, quanto pela estrutura esquemática. Em 1992, Martin aborda a noção de macro gênero – um conceito guarda-chuva que abarcaria subcategorias – por exemplo, um manual universitário contém seções expositivas, descritivas ou regulativas. Menos tecnicamente,

---

<sup>1</sup> Do original: “a staged, goal-oriented, purposeful activity in which speakers engage as members of our culture.” (MARTIN, 1984, p. 25).

gêneros são como as coisas são feitas, quando a linguagem é usada para efetivá-las (MARTIN, 1984, p. 248). Para o pesquisador australiano, grande parte do choque cultural de um aluno num dado contexto é, de fato, um choque de gênero.

Halliday e Hasan identificaram padrões linguísticos nos textos por meio de um conjunto específico de valores realizados no discurso. Nesta configuração contextual, obtém-se dos textos uma estrutura de estágios, perguntando: (1) que elementos devem ocorrer; (2) que elementos podem ocorrer; (3) onde eles devem ocorrer; (4) onde eles podem ocorrer e (5) com que frequência eles podem ocorrer (HALLIDAY; HASAN, 1989, p. 55-56). A partir dessa orientação, Hasan (1992) desenvolve o conceito de Estrutura Potencial Genérica (EPG), ou ainda Estrutura Genérica Potencial (EGP). A EPG assemelha-se a um esboço que especifica “que elementos devem ocorrer em cada e toda instância de um discurso particular; e como esses vários elementos se relacionam” (HASAN, 1992, p. 128). “Elemento” é definido como um estágio com alguma consequência para a progressão de um texto, de tal forma que “cada estágio em uma atividade social é um elemento da estrutura dessa atividade” (HASAN, 1992, p. 142). Segundo a autora (HASAN, 2000, p. 53), os estágios podem ser:

- (a) obrigatórios, que especificam todos os elementos da estrutura na qual a presença é obrigatória;
- (b) opcionais, que devem enumerar todos os elementos que são considerados opcionais, de modo que sua presença ou ausência não deve afetar o texto;
- (c) sequenciais, que visam especificar a ordenação dos elementos obrigatórios e opcionais em comparação um com outro;
- (d) recursivos ou iterativos, que são aqueles que podem se repetir.

Admitindo o raciocínio de Hasan, a Linguística de *Corpus* oferece valiosa metodologia para determinar os estágios, uma vez que fornece dados quantitativos manipuláveis, obtidos por índices de ocorrência e posicionamento na oração.

Tendo apresentado em 1985 um modelo derivado de um “esquema convencional de notícias” na análise de reportagem de notícias, o que, de certa forma, é o mesmo que determinar o gênero de reportagem, Van Dijk (1997, 1999) avançou em seus estudos sobre gênero e discurso ao relacionar a noção macro da ideologia às noções micro dos discursos e das práticas sociais de membros de um determinado grupo.

Para Swales, gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros

compartilham algum conjunto de metas comunicativas, as quais são reconhecidas pelos membros da comunidade discursiva (1990, p.58).

Biber (1992) e Paltridge (2002) se interessam pela distinção entre gênero e tipo de texto, estabelecendo entre eles diferenças pragmáticas importantes. Já Biber e Conrad (1999) observam que textos dentro de certos gêneros podem diferir bastante em suas características linguísticas. Por exemplo, editoriais podem apresentar desde uma estrutura linguística bastante formal e elaborada, até um caráter narrativo e coloquial. Por outro lado, é possível verificar textos de gêneros diferentes bastante parecidos linguisticamente. Por exemplo, cartuns e tirinhas são frequentemente idênticos na forma linguística.

Kress aplica os estudos de Biber e cunha os conceitos de extensões, misturas e híbridos<sup>2</sup> presentes no discurso multimodal da mídia. Por analogia, extensões, misturas e híbridos são encontrados em textos mais tradicionais do discurso da mídia (p. ext. jornais, revistas, blogs). Reynolds (2000), por exemplo, ao analisar editoriais de jornais, verifica como o argumento predomina numa mistura de narrativa, descrição e argumento. O autor utiliza os conceitos de fusão linear e escalada para demonstrar como ocorre essa organização textual. Anos antes, Fairclough (1997) já apresentara as noções de “hibridismo intertextual” e “heterogeneidade linguística”, este último realizando o primeiro no nível textual.

Dentre os inúmeros pesquisadores que se debruçaram sobre o controverso tema dos gêneros discursivos, chamamos a atenção para os estudos de Douglas Biber. O pesquisador da Northern Arizona University considera o enquadre descritivo como não sendo “suficientemente explícito para ser usado em taxonomias situacionais” (1993, p. 38). Desta forma, e também em parceria com notáveis linguistas, o autor avançou em pesquisas que empregavam *corpora*<sup>3</sup> para análise de gênero e no desenvolvimento da pesquisa em “Processamento de Linguagem Natural” (PLN) (BIBER, 1993; BIBER; CONRAD 1999; BIBER; CONNOR; UPTON, 2007). A seguir apresentaremos algumas considerações importantes sobre a Linguística de *Corpus* na supracitada interface.

### 3. A Linguística de *Corpus* como mudança epistemológica para a análise linguística

A Linguística de *Corpus*, de certa forma, renovou a empiria nos estudos linguísticos no

---

<sup>2</sup> Tradução livre de “*extensions, mixes and hybrids*” (BIBER, 2004, p. 443).

<sup>3</sup> *Corpora* (plural de *corpus*) linguísticos são os conjuntos de textos escritos e registros orais em uma determinada língua e que serve como base de análise.

momento que permitiu, através da análise de grande volume de dados, a aferição científica pela observação de evidências linguísticas em *corpora* autênticos e de linguagem em uso. Para Fillmore (1992, p. 35), o *corpus* proporciona a descoberta de fenômenos linguísticos, como de nenhum outro modo.

Dentre diversos autores, Sanchez apresenta uma definição abrangente de *corpus*:

Un corpus lingüístico es un conjunto de datos lingüísticos (pertenecientes al uso oral o escrito de la lengua, o a ambos), sistematizados según determinados criterios, suficientemente extensos en amplitud y profundidad de manera que sean representativos del total del uso lingüístico o de alguno de sus ámbitos y dispuestos de tal modo que puedan ser procesados mediante ordenador con el fin de obtener resultados varios y útiles para la descripción y el análisis. (SANCHEZ, 1995, p. 5)

Ao longo do século XX, a Linguística de *Corpus* floresceu gradativamente e teve um salto a partir da criação de *corpora* digitais. Inicialmente, as análises de *corpus* ocorriam manualmente, como nos trabalhos de Thorndike (1921), Sinclair (1966), Boas (*apud* JAKOBSON; BOAS, 1944). Depois do louvável trabalho de Leech (1966), a necessidade de *corpora* digitais passou a ser o foco das pesquisas da geração seguinte<sup>4</sup> (SINCLAIR, 1991), porém, nesse segundo momento, houve um direcionamento geral para a aplicação da LC para orientar o ensino de línguas (SVARTVIK, 1992). Ao longo da década de 90, a LC passou a ser aplicada amplamente na descrição linguística da língua inglesa<sup>5</sup> e de outras línguas internacionais (ZHOU; YU, 1997; CERMAK, 1997, BERBER-SARDINHA, 2014). Recentemente, estudos como os de Granger (1998) mostram uma tendência à retomada do uso de *corpus* com aplicação pedagógica. Para Berber-Sardinha (2000, p. 5),

a história da Linguística de Corpus está condicionada à tecnologia, que permite não somente o armazenamento de *corpora*, mas também a sua exploração. Por isso, a história da área está relacionada à disponibilidade de ferramentas computacionais para análise de corpus.

Sendo assim, ferramentas como o *Text Converter*, que faz parte do *WordSmith Tools* (SCOTT, 1996), ganha destaque por ainda ser um dos mais completos e operacionais recursos

---

4 A obra “Corpus, Concordance, Collocation” (SINCLAIR, 1991) é considerada a precursora dos estudos com *corpus* digital.

5 A maior parte dos estudos no escopo da Linguística de *Corpus* é sobre a língua inglesa, uma vez que a disponibilidade de *corpora* eletrônicos nessa língua é muito superior às demais.

de cotejo de dados. Ainda, a popularização da LC tem sido viabilizada por ferramentas como o Ngram (fornecida pelo *website Google*), mesmo que consideradas suas limitações.

Biber (1998, p.4) e Leech (2004) alinham-se no destaque da Linguística de *Corpus* como uma das ferramentas mais efetivas para a análise linguística por reunir grande volume de dados, em textos autênticos e uso real; e, sobretudo, a importância no foco: (a) no desempenho linguístico; (b) na descrição linguística; e (c) numa visão empírica da pesquisa científica.

Muitos autores associam a Linguística de *Corpus* à teoria funcionalista da linguagem desenvolvida por Halliday (1994), a Linguística Sistêmico-Funcional. Isso ocorre porque a LSF encara a linguagem como um sistema probabilístico de escolhas, pelo qual traços linguísticos são determinados. Portanto, a associação de ambas as teorias se torna reveladora no sentido de fornecer dados qualiquantitativos complementares na análise do fenômeno linguístico.

#### **4. A Linguística Sistêmico-Funcional e a construção do significado no sistema de escolhas**

Para a Linguística Sistêmico-Funcional, a língua possui um nível intermediário de codificação: a lexicogramática, que possibilita à língua construir três significados concomitantes, que entram no texto através das orações, mediante escolhas feitas no sistema linguístico. Sendo assim, a noção de escolhas é muito importante para a LSF. Halliday (1994) argumenta que, quando se faz uma escolha no sistema linguístico, o que se escreve ou o que se diz adquire significado contra um fundo em que se encontram as escolhas que poderiam ter sido feitas, mas não foram (escolhas potenciais) – fato importante na análise do discurso. Em suma, a LSF procura desenvolver uma teoria sobre a língua como um processo social e, para tanto, fornece ferramentas metodológicas que permitem uma descrição detalhada e sistemática dos padrões linguísticos (HALLIDAY, 1994).

A LSF entende a língua estruturada para construir três tipos de significados concomitantes: ideacional, interpessoal e textual. A metafunção ideacional representa os eventos das orações em termos da representação da experiência por meio do sistema da transitividade; a metafunção interpessoal envolve as relações sociais com respeito à função da oração no diálogo, e referem-se a dar/pedir informação ou bens & serviços; a metafunção textual organiza os significados ideacionais e interpessoais de uma oração, considerando os significados advindos da ordem das palavras na oração.

O estudo apresentado neste artigo enfoca a metafunção ideacional, na interface entre a Linguística Sistêmico-Funcional e a Linguística de *Corpus*.

#### 4.1 A Metafunção Ideacional

De acordo com Halliday (1994), a metafunção ideacional tem a função de representar padrões de experiência. Nossa impressão mais poderosa da experiência é de que ela consiste de “eventos” (i.e., acontecer, fazer, sentir, significar, ser e tornar-se). O sistema da transitividade é o modo pelo qual o falante constrói o mundo da experiência em um conjunto de tipos de processos semânticos representados na oração.

Para Halliday (1994), os componentes da transitividade são os processos participantes e circunstâncias. Os processos são expressos pelo grupo verbal da oração; os participantes envolvidos no processo (realizados pelos grupos nominais da oração) e as circunstâncias (realizadas por grupos adverbiais ou preposicionais). O autor, e mais tarde estudos complementares (THOMPSON, 1998), propõe uma classificação dos processos de seis tipos, referindo-se a ações ou eventos do mundo (Quadro 1).

Quadro 1 – Componentes da Transitividade.

Processos	Participantes ligados ao Processo
<b>Material</b>	<u>João</u> <u>quebrou</u> <u>a mesa</u> <u>com um soco</u> Ator Material Meta Circunstância
<b>Comportamental</b>	<u>Ele</u> <u>sofreu</u> <u>com a derrota</u> Comportante Comportamental Alcance
<b>Mental</b>	<u>Eu</u> <u>entendi</u> <u>o seu sofrimento</u> Experienciador Mental Fenômeno
<b>Verbal</b>	<u>O rapaz</u> <u>contou</u> <u>à mãe</u> <u>sobre a difícil situação</u> Dizente Verbal Receptor Verbiagem
<b>Relacional</b>	<u>João</u> <u>continua</u> <u>deprimido</u> Portador Relacional Atributo
<b>Existencial</b>	<u>Houve</u> <u>motivos</u> <u>com certeza.</u> Existencial Existente Circunstância

Fonte: Adaptação de Halliday (1994).

A Transitividade tem-se provado extremamente útil na análise textual de perspectiva crítica por também participar da construção do significado interpessoal do texto. Isso ocorre devido a um efeito prosódico obtido ao longo do fluxo discursivo pelas escolhas lexicogramaticais, é o que podemos chamar de Expansão Logogenética do Significado, a qual pode ser extremamente efetiva na análise da ideologia na microestrutura textual, por propiciar a “construção dinâmica do significado conforme o texto se desenvolve” (OLIVEIRA, 2008, p. 56).

Martin (1992, p. 553-559) e outros autores notaram, com destaque a Bakhtin e a noção de expansão dialógica, que as realizações dos significados interpessoais tendem a ser mais prosódicas, espalhando-se através da oração ou da oração complexa. Halliday empregou o



termo logogênese para identificar a construção dinâmica do significado, conforme o texto se desenvolve (HALLIDAY; MARTIN, 1993; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Tratando especificamente da metafunção ideacional, Thompson (1998) denomina ressonância a harmonia de significados que é produto de uma combinação de escolhas; não identificáveis com qualquer outra escolha, se consideradas isoladamente. Tanto a logogênese quanto a ressonância são, do ponto de vista da construção do significado discursivo, instanciações da ideologia.

## 5. A Ideologia e os complexos ideológicos na formação dos gêneros discursivos

A ideologia é um fator que não pode ser descartado em análises de textos reais. Embora tenha grande importância, apenas alguns pesquisadores de áreas do conhecimento humano e do estudo da linguagem tentam analisar aspectos ideológicos refletidos nos textos (e.g. VAN DIJK, 1999). No particular da análise de gênero, a ideologia parece não receber a atenção que merece, sendo em menor número estudos que avaliam “as formas nas quais indivíduos respondem à ideologia incorporada nos gêneros” (ARTEMEVA, 2007).

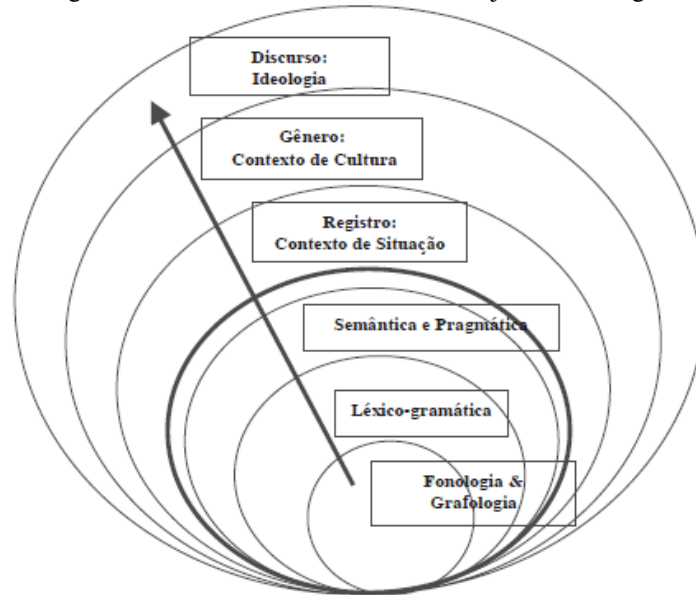
Segundo Fairclough (2001), há uma relação dialética entre os elementos das práticas sociais, o que significa a “interiorização” de uns por outros, sem que haja redução entre eles. As relações sociais, as identidades sociais, os valores e a consciência cultural apresentam uma faceta discursiva (semiótica), muito embora sejam comumente teorizados e pesquisados por teorias adjacentes às teorias linguísticas. Portanto, resta indagar como a construção de valores da consciência cultural e da identidade social (i.e., ideologia) pode se materializar na elaboração de textos? Para responder a essa questão, Bakhtin (cf. CLARK; HOLQUIST, 1984) considera um *self* individual, um eu, mas que incorpora também aspectos compartilhados com os outros. O filósofo russo usa o termo elocução para designar essa atividade capaz de compreender simultaneamente energias tão díspares. Os sistemicistas, por sua vez, lançam mão de dois conceitos que incidem diretamente sobre a elocução: Registro e Gênero, referentes, respectivamente, ao contexto de situação e ao contexto de cultura (MARTIN, 1992).

Além das variáveis determinadas por situação e cultura, Fowler (1991) e Fairclough (1992) consideram a ideologia como um tipo de dimensão contextual superior. Para Fowler (*Idem*), qualquer aspecto da estrutura linguística carrega significação ideológica - seleção lexical, opção sintática, etc. – todos têm sua razão de ser. Há sempre modos diferentes de dizer a mesma coisa, e esses modos não são alternativas acidentais. A ideologia refere-se a posições de poder, a vieses políticos e a suposições sobre valores, tendências e perspectivas que os

interlocutores trazem para os seus textos, e tem chamado a atenção dos systemicistas, na medida em que, em qualquer registro, em qualquer gênero, o uso da língua será sempre influenciado pela nossa posição ideológica (OLIVEIRA, 2008).

Em 1985, Martin propõe a “Teoria de Gênero e Registro” (TGR) que investiga o modo como as diferenças de contexto constroem textos distintos atendendo a padrões linguísticos. Halliday e Martin (1993, p. 132) compreendem a dimensão contextual da ideologia como supra e inter em relação às camadas sobrejacentes à língua (Diagrama 1).

Diagrama 1 – Dimensões contextuais sobrejacentes à língua.



Fonte: Adaptação de Halliday e Martin (1993, p. 132).

Nesse diagrama, os autores reconhecem a força da ideologia, a qual incide sobre todas as camadas contextuais e linguísticas: macro e microestrutura textual. A análise do diagrama permite reconhecer que há especificações explícitas (idealmente quantificáveis de padrões gramaticais) semânticas do texto recebendo e fornecendo força à dimensão ideológica. Assim, a explicação da variação linguística dar-se-á pelos elos explícitos entre traços do discurso e variáveis críticas do contexto social e cultural empregados para realizar os significados de um dado texto. Nesse sentido, apoiamo-nos em estudo de Li (2010), no qual o autor, guiado por propostas de análise crítica e com o apoio do contexto analítico da LSF, investiga as relações entre escolhas de certas formas linguísticas e ideologias e as relações de poder que subjazem a essas formas.

## 6. As Ideologias sociopolíticas e socioculturais na língua na proposta de Li

Em estudo intitulado “*Transitivity and lexical cohesion: Press representations of a political disaster and its actors*”, Li (2010) analisa aspectos da gramática da oração relacionados à transitividade e à coesão lexical em textos de reportagens de orientações ideológicas diferentes. Os resultados indicam que as interpretações e os papéis sociais dos participantes envolvidos no evento são construídos pelas escolhas específicas que cada veículo de comunicação faz na representação da experiência, com valor aparentemente informativo, mas com vistas a persuadir o leitor.

Li (2010) emprega as ferramentas metodológicas da LSF para analisar como as escolhas linguísticas expressam significados ideológicos. Dessa forma, o exame da seleção, categorização e ordenação do significado nas microestruturas no nível oracional é especialmente útil para uma análise sistemática do discurso, com enfoque nos traços linguísticos e na organização dos significados do texto. Hoey (1997, p. 3) sugere quais ocorrências devem ser observáveis nos padrões de ocorrência lexical:

- Quais são os padrões lexicais dos quais a palavra faz parte?
- A palavra se associa constantemente com outros sentidos específicos?
- Em quais estruturas ela aparece?
- Há correlação entre o uso/sentido do léxico e as estruturas das quais participa?
- A palavra está associada com alguma posição na organização textual?

As ideologias sociopolíticas ou socioculturais estão introjetadas na língua e no discurso (LI, 2010), portanto, o autor apoia-se na abordagem de Van Dijk (1997), para quem há um elo entre o social e o individual, o macro e o micro, o social e o cognitivo. Esta é a mesma abordagem de Fowler, que considera que há sempre valores implicados no uso da língua, pois “não há representação neutra da realidade” (1987, p.67).

Fundamentado nesses conceitos, o estudo ora apresentado investiga como complexos ideológicos estão presentes e são construídos na e pela representação (metafunção ideacional – LSF). A Linguística de *Corpus* tratará de fornecer as ferramentas metodológicas para a observação empírica dos padrões de ocorrência que deverão validar a hipótese ideológica que, por sua vez, é particular e constante (Estrutura Potencial Genérica) de determinados gêneros discursivos. Em outras palavras, o mapeamento de padrões de ocorrências linguísticas de motivação ideológica constrói um estágio genérico que, de outra forma, seria de difícil

observação, justamente por construir-se logogeneticamente no fluxo discursivo.

## 7. Estudo de caso: análise cruzada da LC e LSF

Esta pesquisa é baseada em dados quantitativos e qualitativos e investiga cantigas de amor galego-portuguesas empregando a metafunção ideacional (LSF) e a Linguística de *Corpus*. Através das variáveis de ocorrências em *corpus* significativo, o que se aborda é o sistema da transitividade (HALLIDAY, 1994; THOMPSON, 1996, 2004; EGGINS, 1996) e a recorrência (THOMPSON, 2004), enfocando participantes e processos para caracterização de gênero pela Estrutura Potencial Genérica (cf. Teoria de Gênero e Registro – EGGINS; MARTIN, 1997).

### 7.1 *Corpus* e procedimentos de análise

O *corpus* foi extraído da base de dados online do “Projeto Littera” (FCSH-UNL)<sup>6</sup>, organizado pelo pesquisador Graça Videira Lopes. O objetivo desta base de dados é o de “colocar à disposição do público em geral, e também do público mais especializado, a totalidade dos textos que nos foram transmitidos pelos cancioneiros medievais galego-portugueses, de uma forma rigorosa mas acessível” (LOPES et al., 2011). A equipe do projeto reúne a totalidade das cantigas medievais galego-portuguesas profanas (cerca de 1680) que nos foram transmitidas pelos três grandes cancioneiros trovadorescos, o Cancioneiro da Ajuda (CA), o Cancioneiro da Biblioteca Nacional (CBN) e o Cancioneiro da Biblioteca Vaticana (CV). Além disso, múltiplas pesquisas podem ser feitas na base de dados, inclusive ocorrências lexicais e variações linguísticas.

As seguintes etapas foram adotadas:

- I) Formulação de hipótese: traços ideológicos e gênero discursivo.
- II) seleção e análise na análise do sistema da transitividade de cinquenta e duas (52) cantigas de amor galego-portuguesas de um trovador de destaque (o rei D. Dinis<sup>7</sup>);
- III) correlação do sistema da transitividade, com os complexos ideológicos e gêneros discursivos. O objetivo foi a formulação de hipótese de padrão de ocorrência (processos,

---

<sup>6</sup> Disponível em: < <http://cantigas.fsh.unl.pt> >

<sup>7</sup> D. Dinis foi o Rei de Portugal e Algarve de 1279 até sua morte. Grande amante das artes e letras, D. Dinis tornou-se um famoso trovador. O “Rei Poeta” cultivou as Cantigas de Amigo, de Amor e a sátira, contribuindo para o desenvolvimento da poesia trovadoresca na península Ibérica. Pensa-se ter sido o primeiro monarca português verdadeiramente alfabetizado, tendo assinado sempre com o nome completo. (GUERREIRO, 1978)

participantes e circunstâncias – LSF) para cada um dos gêneros (EPG);

IV) aplicação da LC para busca na base de dados online do “Projeto Littera” de processos-chave e participantes-chave para confirmação empírica das hipóteses;

V) depois da verificação da incidência descrita em (IV) e categorizações, tecemos comentários sobre como isso se relaciona ao gênero da cantiga e ao posicionamento ideológico admitido pelo trovador. Assim, foi possível estabelecer estruturas estáveis no gênero no nível representacional (cf. princípio da ressonância, THOMPSON, 1998) e a motivação ideológica para essas ocorrências.

As etapas analíticas evidenciam a associação entre LC e LSF, considerando a possibilidade de observar um efeito macro discursivo ideológico em padrões de ocorrências na microestrutura do sistema da língua.

## 7.2 Análise

Devido ao constricto espaço, nos propusemos a mostrar, de forma muito sucinta, aspectos importantes e resultados obtidos em cada uma das etapas, no que diz respeito ao gênero em questão.

### ETAPA I

A formulação de hipótese de traços ideológicos construindo e construídos pelo gênero discursivo escolhido, a saber, cantigas de amor galego-portuguesas medievais, buscou atender à formulação de complexos ideológicos no ideário literário medieval galego-português elaborada pelo professor e reconhecido medievalista Osvaldo Ceschin, em texto intitulado “A educação do cavaleiro e a expressão do amor no trovadorismo” (1998), e aplicada por Oliveira (2008).

Segundo o autor (Idem), na Europa medieval, o grupo dos trovadores obedecia a um rígido código de conduta inspirado, basicamente, na educação, ética, estética e ideal de cavalaria – podemos entender como um “código de cortesia”. Entre os princípios desse preceituário, constam a vassalagem paciente e humilde que compreendia quatro graus no seu aprendizado, de acordo com a intimidade entre o trovador e a donzela, todos extraídos do léxico provençal (com o correspondente em português, nos parênteses): *fenhedor* (ou suspirante), *precador* (ou suplicante), *entendedor* (ou namorado) e *drudo* (ou amante) (SPINA, 1996, p.

363).

Ceschin (1998) observa que os posicionamentos de fenhedor, precador, entendedor e drudo eram empregados pelos trovadores de maneira rigorosa, de acordo com o gênero (e.g. cantiga de amor – fenhedor); porém, no decorrer dos séculos, as regras de uso se afrouxaram, permitindo exceções. Este trabalho enfocará a persona (posicionamento ideológico) do fenhedor, a qual corresponde ao gênero das cantigas de amor. Ideologicamente, tal posicionamento é fruto da soma da ética clássica com a doutrina cristã, às quais se adicionaram o sistema feudal, a atmosfera cortês, a educação do trívio e do quadrívio e a formação do cavaleiro (CESCHIN, 1998).

O fenhedor, como grau primário na formação do trovador, surge no desenvolvimento de gostos e emoções criados sob a tutela da figura feminina. Nesse sentido, o fenhedor ama e suspira, mas não se atreve a demonstrar seu sentimento, ou sequer cortejar a dama (para os provençais) ou donzela (para os galego-portugueses). A condição do jovem nobre em relação à superioridade da donzela obriga-o a conter seus gestos, gostos e reações (OLIVEIRA, 2008).

De acordo com Spina, os trovadores observavam rigorosamente os preceitos da cortesia e retórica consagrados pela tradição. Para o autor, “o amor consistia, então, nessa vassalagem rigorosa do trovador à dama de sua eleição, e tal arte previa a observância escrupulosa de cânones preestabelecidos; em síntese, o preceituário amoroso...” (SPINA, [s.d.] *apud* CESCHIN, 1998).

Nosso objetivo foi identificar, operando as ferramentas metodológicas da LSF e LC, quais são implicações linguísticas deste “preceituário amoroso” e as fronteiras ideológicas destes “cânones preestabelecidos” para o gênero discursivo em questão. Dessa forma, a LC viabiliza uma comprovação empírica da hipótese ideológica por meio de banco de dados digitais que, ao fornecer um padrão de ocorrências linguísticas, evidencia o posicionamento da figura do fenhedor.

## ETAPA II

A análise do sistema da transitividade das cinquenta e duas (52) cantigas galego-portuguesas de D. Dinis buscou determinar a frequência dos tipos de processo (HALLIDAY, 1994), verificando quais são os mais e menos frequentes e o porquê disso. A categorização das ocorrências levou em conta a posição dos principais participantes das cantigas (participantes-chave) e o significado no contexto, relacionado com a estrutura genérica das cantigas, a cortesia

e os posicionamentos ideológicos admitidos pelo trovador. Quanto à ocorrência dos processos, nota-se que os processos materiais, mentais e relacionais são massivamente superiores em relação aos demais, à medida que a representação da experiência é geralmente enquadrada nos domínios do “fazer”, “pensar” e “ser”. Portanto, neste artigo, nos focaremos em analisá-los. O Quadro 2 resume os resultados de ocorrências dos processos (metafunção ideacional) em números totais da coletânea de D. Dinis.

Quadro 2 – Processos da transitividade: cantigas de amor.

<b>Cantigas de amor</b>		
<b>Processo</b>	<b>Nº de ocorrências</b>	<b>%</b>
Mental	414	35,41
Relacional	331	28,31
Material	229	19,58
Verbal	97	8,29
Existencial	56	4,79
Comportamental	42	3,59
<b>Total</b>	<b>1169</b>	<b>100</b>

Fonte: Oliveira, 2008

Rememorando os estágios na expressão do cavaleiro descritos por Ceschin (1998) e compreendendo-os como os estágios na expressão do trovador, quando falamos em cantigas de amor, devemos ter em mente que a investidura no papel de fenhedor desencadeia uma rede ampla de associações prototipicamente presentes no uso da língua, bem como todas as implicações ideológicas das escolhas na lexicogramática. Dom Dinis, em suas cantigas de amor, incorpora a figura do fenhedor, ou seja, “ama”, “sofre”, “suspira”, mas não revela seu sentimento à donzela. Essa contenção do sentimento explica a falta de ação do trovador, o que, por conseguinte, explica a maior incidência dos processos mentais e relacionais nas cantigas.

O eu-lírico do trovador se vê preso às amarras da cortesia, impelido a:

- 1) Descrever seu estado de alma – processos relacionais
- 2) Utilizar os processos mentais no sentido de manifestar: (a) o estado mental de prostração e dor – processos mentais emotivos; (b) o açoite de ver e ouvir (ou ter visto e ouvido) a donzela – processos mentais perceptivos; (c) o pensar na donzela e seus conflitos internos – processos mentais cognitivos; (d) o desejar, o querer e não-querer da amada – processos mentais desiderativos.
- 3) Os processos materiais, verbais, existenciais e comportamentais, em menor número, também auxiliam na construção da imagem do fenhedor. Os materiais no “fazer

mal” da donzela e o “fazer bem” do trovador, os verbais no “falar” que ofende o trovador e elogia a donzela, os existenciais que denotam a “existência” do sofrer para o trovador e do bem para a donzela e o comportamental na expressão do “sofrer” somente para o trovador (OLIVEIRA, 2008, p.98).

A análise qualitativa de duas estrofes da cantiga número 522 do Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Quadro 3) exemplifica como ocorre a construção do mundo textual a partir da representação da experiência nas cantigas de amor. É um exemplo de como os processos mentais e relacionais se destacam superiormente para construir um significado ideológico subjacente ao texto (OLIVEIRA, 2008).

Quadro 3 – Excerto de análise da cantiga 522 do Cancioneiro da Biblioteca Nacional.

Cantiga – CBN 522 bis – edição de Machado (1970)	Metafunção ideacional	Significados construídos
	Tipo de processo	
Senhor fremeosa e de mui loução		
coraçõn, e queredes-vos <b>doer</b>	Mental: emotivo	pedido do amor
de mi, pecador, que vos <b>sei querer</b>	Mental: desiderativos	querer do trovador
melhor ca mi; pero <b>são</b> certão	Relacional: atributivo	trovador: estar certo
que mi <b>queredes</b> peor d’outra ren;	Mental: desiderativo	donzela quer mal
pero, senhor, <b>quero</b> -vos eu tal ben	Mental: desiderativo	trovador quer bem
Qual maior <b>poss</b> ’, e o mais encoberto	Relacional: atributivo	incapacidade do trovador
que eu <b>poss</b> ’; e <b>sei</b> de Brancafrol	Relacional: atributivo/ Mental: cognitivo	incapacidade/ saber do trovador
que lhi non <b>ouve</b> Flores tal amor	Mental: emotivo	metáfora: ela não ama
qual vos eu <b>ei</b> ; e pero <b>são</b> certo	Mental: emotivo/ Relacional: atributivo	Metáfora: ele ama/ está certo disso
que mi <b>queredes</b> peor d’outra ren;	Mental: desiderativo	donzela quer mal
pero, senhor, <b>quero</b> -vos eu tal ben	Mental: desiderativo	trovador quer bem
pero, senhor, <b>quero</b> -vos eu tal ben	Mental: desiderativo	trovador quer bem

Fonte: Oliveira, 2008.

Paráfrase: Senhora formosa e de muito vistoso/coração, e queira vos doer/de mim, pecador, que vos quero/melhor que eu; mas estou certo/que mi quer pior que (qualquer) outra coisa/mas, senhor, eu vos quero tal bem/Qual maior (eu) possa, e o mais fingido/ que eu puder; e sei de Branca flor/ que tal amor não teve flores para você/ como por você eu tenho/ mas estou certo/que mi quer pior que (qualquer) outra coisa/mas, senhor, eu vos quero tal bem.

\*O refrão desta cantiga contém certo veneno. “Tal” poderia significar “tão grande”, porém, no contexto em que está (“tal... qual”), geralmente, equivaleria ao comparativo de igualdade. Sendo assim, interpretar-se-ia o trecho como: “Ela o quer pior do que qualquer outra coisa” e ele a quer “tal bem qual ela o quer, o maior que puder”, ou seja, lhe devolveria o sentimento. (OLIVEIRA, 2008).



### ETAPA III

A correlação do sistema da transitividade, com os complexos ideológicos e gêneros discursivos nos leva a formulação de hipótese de padrão de ocorrência (processos, participantes e circunstâncias – LSF) para cada um dos gêneros.

As análises comparadas ratificam o que já vinha sido dito sobre as cantigas de amor, mas que, por falta de metodologia adequada, carecia de comprovação empírica na microestrutura textual. Assim, é possível identificar estágios obrigatórios e opcionais nas cantigas de amor (cf. EPG), também no nível ideológico pois estão circunscritos à figura do fenhedor. Assim, os estágios obrigatórios são: (i) a “coita amorosa”; e (ii) a ênfase no sofrimento do trovador, pois, o sofrimento do trovador (eu-lírico) é fato, causa ou consequência em todas as cantigas do *corpus*.

A ‘coita’ é um símbolo de dupla face, à medida que o bem (estar e parecer – processos relacionais) da donzela é também o mal do trovador, simbolizado em vários momentos nas cantigas através dos diferentes processos e dos participantes-chave (a donzela e o trovador):

- materiais: o “fazer mal” da donzela e o “fazer bem” do trovador;
- relacionais: “estar” mal e não “ser” merecedor. A donzela “está” bem;
- mentais: “sentir” mal, “pensar” mal em si e bem na donzela; “querer” mal a si e bem a donzela.

Os estágios opcionais identificados são: (a) a retratação da beleza e formosura da donzela, (b) o malquerer da donzela e de Deus para com o trovador; e (c) o gatilho para a coita amorosa (ter visto ou ouvido a donzela).

### ETAPA IV

A aplicação da LC para busca na base de dados online do “Projeto Littera” de processos-chave e participantes-chave confirma empiricamente as hipóteses. Considerando que a análise da metafunção ideacional das cinquenta e duas cantigas do *corpus* inicial (análise qualitativa) mostrou que, como fenhedor, o trovador se vê impelido a cumprir os estágios obrigatórios discursivos do preceituário amoroso, o uso da Linguística de *Corpus* confirmou o padrão de ocorrência de cada processo.

Valendo-se de processos mentais (35,41%), tais como: “saber”, “merecer”, “ver”, etc., o trovador recorre à voz de outro – Deus – para dizer o que ele próprio sente. Com os emotivos

revela o seu “sentir” dor e amor pela donzela que o repudia, os cognitivos trazem seu “pensar” e “saber” de sua situação de incapacidade, os perceptivos assinalam basicamente o “ver” a donzela (início do seu mal) e os desiderativos manifestam, ainda que timidamente, seu “querer” amar. O trovador é quase sempre o Experienciador e, diferente do que se possa hipotetizar, o que “vê”, “sente”, “pensa” e “quer” não é essencialmente a donzela. O eu-lírico usa a grande maioria dos mentais para apresentar o seu ponto de vista e revelar seu “estado” de alma (OLIVEIRA, 2008). Na busca na base de dados online do “Projeto Littera”, apenas 4% dos processos apresentavam o trovador e a donzela como participantes na mesma oração (respectivamente Experienciador e Fenômeno), o que demonstra um dado importante, a orientação básica egocêntrica como traço característico do gênero. A Figura 1, abaixo, mostra como a busca do radical do verbo “sofrer” (processo mental) na base de dados – 369 ocorrências – confirma o posicionamento ideológico do fenhedor como estágio obrigatório do gênero (coita de amor).

Figura 1 – Busca na base de dados do processo mental “sofrer”.

369 ocorrências encontradas.

A bña dona por que eu trovava, *João Garcia de Guilhade*  
sofrendo coita sempre a servi; (linha 4)  
pero, por coita grande que **sofri**. (linha 17)

A dona fremosa do Soveral, *Lopo Lias*  
nom lho **sofrerei**; (linha 17)

A dona que eu vi por meu, *Airas Veaz*  
afã e **sofrer** tanto mal. (linha 8)

A la fé, Deus, se nom por Vossa Madre, *Gil Peres Conde*  
porque vos eu a vós esto **sofresse** (linha 7)

A maior coita que eu vi sofrer, *Fernão Velho*  
A maior coita que eu vi **sofrer** (linha 1)  
eu mi a **sofro**; e já que est assi, (linha 3)

A mia senhor atanto lhe farei; *Fernão Gonçalves de Seabra*  
quero-lh'eu já **sofrer** tod'outro mal (linha 2)  
de pram, aquesto lhe nom **sofrerei**: (linha 4)  
**sofrer** quero de nunca lhe dizer (linha 6)  
Mais, de pram, esto nom posso **sofrer**: (linha 9)  
E **sofrer**-lh'-ei quanta coita me dá, (linha 11)  
mas, de pram, esto nom **sofrerei** já: (linha 14)

A mia senhor já lh'eu muito nequei, *João Garcia de Guilhade*  
ousei na coita que **sofro** e no mal (linha 8)  
a gram coita que por ela **sofri**: (linha 14)

A mia senhor que eu por mal de mi, *D. Dinis*  
pero mi tod'este mal faz **sofrer**. (linha 10)

-Abril Pérez, mult'hei eu gram pesar, *Bernal de Bonaval*  
da gram coita que vos vejo **sofrer**, (linha 2)  
tanto me faz maior coita **sofrer**. (linha 14)

Agora m'hei eu a partir, *João Soares Somesso*  
nom lhe quero já **sofrer** rem, (linha 9)

Agora me quer'eu já **espedir**, *Nuno Anes Cerzeo*  
quanto **sofri** (linha 26)

Agora viv'eu como querria, *Rui Queimado*  
de já mais aquesta coita **sofrer** (linha 20)  
do que **sofri**; e desejaria (linha 21)

Ai amiga, ten'eu por de bom sem, *Rodrigo Anes de Alvares*  
nem por senhor tam gram coita **sofrer** (linha 17)  
com'el **sofre**, há mui longa sazom, (linha 18)

Ai Deus! que coita de sofrer, *Airas Carpancho*  
Ai Deus! que coita de **sofrer** (linha 1)

Ai Deus! Que grave coita de sofrer; *Pero Garcia Burgalés*  
Ai Deus! Que grave coita de **sofrer**: (linha 1)

Ai eul que mal dia naci, *Pero Garcia Burgalés*  
que me mia senhor faz **sofrer**, (linha 23)

Fonte: Projeto Littera - <http://cantigas.fcsh.unl.pt>.

Os processos relacionais totalizavam 28,31% do total de ocorrências do *corpus* da análise inicial. Assim como os mentais, acompanham a orientação ideológica, pois grassam as orações com a exultação de um “estado” e um “ser” negativo para o eu-lírico, principalmente nos processos relacionais atributivos intensivos (a maioria das ocorrências), os quais apresentam atributos negativos ao trovador – aquele que, novamente, é quase supremo na primeira posição de participante (Portador e Identificado), e quando não, aparece como vítima

na posição de Beneficiário (OLIVEIRA, 2008). Contrariamente, a donzela surge na posição de Portador com atributos positivos direcionados a ela; é o que comprova a busca na base de dados. Através das ocorrências do léxico “bem” (3400 ocorrências) obtém-se a confirmação ideológica do posicionamento de fenhedor no maniqueísmo (bem x mal) dos participantes-chave, exemplificado na Figura 2.

Figura 2 – Busca na base de dados do léxico “bem” (processo relacional).

**Pesquisar em Cantigas**  
(Palavras nos versos:)

BEM

**Filtrar Cantigas**

Por cancionero  
- Seleccionar - ...nº da cantiga: (todas do cancionero)

Por género  
Amor

Por tipo  
- Seleccionar -

Por tema  
- Seleccionar tema - - Seleccionar subtema -

Todos os temas e subtemas

**A dona que eu quero bem, Rui Fernandes de Santiago**  
A dona que eu quero BEM (linha 1)

**A dona que eu vi por meu, Airas Veaz**  
A que eu quero mui gram BEM (linha 13)  
parar-me de lhe BEM querer, (linha 16)

**A dona que home, Paio Gomes Charinho**  
todo seu BEM, "senhor" a chamaria. (linha 7)  
Ca senhor é de muito BEM; e vi-a (linha 8)  
ca BEM soub'eu quanto m'end'averria: (linha 11)  
no seu BEM, que me nom soube guardar; (linha 17)  
nem cuidava que tam BEM parecia (linha 18)  
É por esto que BEM conselharia (linha 22)  
quantos oírem no seu BEM falar: (linha 23)

**A Far[ô] um dia irei, madre, se vos prouguer, João de Requeixo**  
rogar se verria meu amigo, que mi BEM quer, (linha 2)  
e se cedo veer e o vir eu, BEM talhada, (linha 10)

Fonte: Projeto Littera - <http://cantigas.fcsh.unl.pt>.

Os processos materiais acompanham o posicionamento ideológico, mostram que o trovador “serviu” a donzela; da parte da donzela, ela o “maltrata”; e por fim, o trovador deixa a causa nas mãos de Nosso Senhor, que a “fez” valer mais do que as outras e deve “ajudá-lo”, mas, de fato, é seu algoz e o “faz” sofrer por ter o poder e não agir a seu favor.

Valendo-se do princípio da Ressonância (THOMPSON, 1998), as cantigas de amor apresentam um significado ideológico condensado na representação da experiência (metafunção ideacional), o que se configura em estágios do gênero. Ao final das leituras das cantigas o leitor percebe o tom auto piedoso e dramático que o trovador pretende mostrar para criar a figura do fenhedor, este que “chora” e “balbucia”, tal qual uma criança (CESCHIN, 1998). Os processos, participantes e suas respectivas posições na oração criam, portanto, um efeito de ressonância nas cantigas de amor, a qual ecoa uma ideologia relativamente estável no discurso.

## 8. Considerações Finais

O presente artigo procurou revelar como a Linguística Sistemico-Funcional e a Linguística de *Corpus* podem ser associadas para análises sobre gêneros discursivos. Nesse caso, o destaque

foi mostrar como os complexos ideológicos que permeiam a fala do fenhedor nas cantigas de amor podem se consubstanciar em estágios estáveis e característicos do gênero. O trovador, enquanto fenhedor no enquadre do gênero em questão, não podia se manifestar diretamente ou pedir o amor (nem o poder amar) da sua donzela. A análise do sistema da transitividade (metafunção ideacional – LSF) revelou como os complexos ideológicos estão introjetados nas cantigas de amor no uso dos processos (representação da experiência). Os processos mentais (do “sentir”) são majoritários e criam o efeito da “coita amorosa” no mundo textual. Já os processos relacionais (“ser” sofredor) exultam a donzela e diminuem o trovador, criando uma hierarquização social característica do posicionamento do fenhedor e, por conseguinte, do gênero. Por outro lado, o “fazer” (processos materiais) está adstrito à incapacidade do eu-lírico para agir, em contrapartida, Deus surge como participante-chave no papel de ator e torna-se responsável por fazer o mal ao trovador.

Ao detectar os estágios obrigatórios e opcionais do gênero, a análise pela perspectiva cruzada da Linguística de *Corpus* e Linguística Sistêmico-Funcional avança nos pressupostos e doutrinas estabelecidas por análises literárias tradicionais relacionadas às cantigas de amor. Primeiramente, porque a análise linguística comprova como aspectos perceptíveis e sensíveis ao leitor incorporam uma dimensão ideológica superior ao texto. Além disso, pesquisadores, professores e alunos podem realizar análises mais robustas ao notar como os estágios do gênero e a ideologia estão presentes no texto linguisticamente, neste caso, pela representação da experiência. É necessário dizer que os mesmos padrões discursivos e outros traços característicos deverão também ser observáveis por análises sintático-semânticas análogas.

A Linguística de *Corpus* possibilita uma comprovação empírica da hipótese através do auxílio de banco de dados digitais, para essa análise, o banco de dados do “Projeto Littera”. A pesquisa mostrou como uma sucessão de orações com um padrão de ocorrência de processos, participantes e circunstâncias pode realizar linguisticamente uma macro-argumentação ideológica e logogenética essencial e que não deve ser desconsiderada em análises abrangentes sobre gênero discursivo.

## Referências

ARTEMEVA, N. Approaches to learning genres: A bibliographical essay. In: ARTEMEVA, N.; FREEDMAN, A. **Rhetorical genre studies and beyond**. Winnipeg, Manitoba, Canada: Inkshed. p. 9-99, 2007.

BAKHTIN, M. **Speech genres and other late essays**. Austin: University of Texas Press, 1986.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. **Estética da criação verbal**, v. 4, p. 261-306, 1992.

BAZERMAN, C. Systems of genres and the enactment of social intentions. **Genre and the new rhetoric**, v. 79101, 1994.

BHATIA, V. K. Introduction: Genre analysis and world Englishes. **World Englishes**, v. 16, n. 3, p. 313-319, 1997. <https://doi.org/10.1111/1467-971X.00066>

\_\_\_\_\_. **Worlds of written discourse: A genre-based view**. A&C Black, 2004.

\_\_\_\_\_. **Analysing genre: Language use in professional settings**. Routledge, 2014.

BERKENKOTTER, C.; HUCKIN, T. **Genre knowledge in disciplinary communities**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1995.

BERBER-SARDINHA, T. Lingüística de corpus: histórico e problemática. **Delta**, v. 16, n. 2, p. 323-367, 1999.

\_\_\_\_\_. O que é um corpus representativo. **Direct Papers**, v. 44, 2000.

BIBER, D. On the complexity of discourse complexity: A multidimensional analysis. **Discourse Processes**, v. 15, n. 2, p. 133-163, 1992. <https://doi.org/10.1080/01638539209544806>

BIBER, D.; CONRAD, S. Lexical bundles in conversation and academic prose. **Language and Computers**, v. 26, p. 181-190, 1999.

BIBER, D.; CONNOR, U.; UPTON, T.A. **Discourse on the move: Using corpus analysis to describe discourse structure**. John Benjamins Publishing, 2007. <https://doi.org/10.1075/scl.28>

BIBER, D. et. al. **Corpus linguistics – Investigating language structure and use**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511804489>

CERMAK, F. Czech National Corpus: A case in many contexts. **International Journal of Corpus Linguistics**, 2.2: 181-198, 1997. <https://doi.org/10.1075/ijcl.2.2.03cer>

CESCHIN, H. L. A educação do cavaleiro e a expressão do amor no trovadorismo In: **Quaderni Nuova Serie - n° 10**. v. 10, São Paulo: [s.n.], 1998. p. 139-173.

CLARK, K.; HOLQUIST, M. **Mikhail Bakhtin**. Boston: Harvard University Press, 1984.

EGGINS, S.; MARTIN, J. R. Genres and registers of discourse. **Discourse as structure and process**, v. 1, p. 230-256, 1997. <https://doi.org/10.4135/9781446221884.n9>

FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. London; New York: Longman, 1992.

FAIRCLOUGH, N.; WODAK, R. Critical discourse analysis. In: VAN DIJK (T.). **Discourse as Social Interaction**. London: Sage, 1997.

FILLMORE, C. Corpus linguistics or computer corpus linguistics. **Directions in corpus linguistics. Proceedings of Nobel symposium 82**, Stockholm, Ed. Jan Svartvik, 35-60. Berlin/New York, De Gruyter, 1992.

FOWLER, R. The intervention of the media in the reproduction of power. **Approaches to discourse, poetic and psychiatry**, p. 67-80, 1987.

\_\_\_\_\_. **Language in the news: Discourse and ideology in the press**. London: Routledge, 1991.

\_\_\_\_\_. **Linguistic criticism**. (2<sup>a</sup> ed.). Oxford: Oxford UP, 1996a.

\_\_\_\_\_. On critical linguistics. **Texts and practices: Readings in critical discourse analysis**, p. 1, 1996b.

GUERREIRO, M. V. **Para a história da literatura popular portuguesa**. Inst. de Cultura e Língua Portuguesa, Min. da Educação e Cultura, 1978.

GOFFMAN, E. **Frame analysis**. New York: Harper Colophon Books, 1974.

GRANGER, S. (Org.) **Learner English on Computer**. New York: Longman, 1998.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. (2<sup>a</sup>ed.). London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. Language, context and text. **Aspects of language in a social-semiotic perspective**. 2<sup>a</sup>ed. London: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K.; MARTIN, J. R. **Writing Science: literacy and discursive power**. London/Washington: The Falmer Press, 1993.

HALLIDAY, M. A. K.; MATHIESSEN, M. I. M. **An introduction to functional grammar**. (3<sup>a</sup>ed.). London: Arnold, 2004.

HASAN, R. Speech genre, semiotic mediation and the development of higher mental functions. **Language Sciences**, v. 14, n. 4, p. 489-528, 1992. [https://doi.org/10.1016/0388-0001\(92\)90027-C](https://doi.org/10.1016/0388-0001(92)90027-C)

\_\_\_\_\_. The uses of talk. **Discourse and social life**, p. 28-47, 2000.

HYLAND, K. Genre-based pedagogies: A social response to process. **Journal of second language writing**, v. 12, n. 1, p. 17-29, 2003. [https://doi.org/10.1016/S1060-3743\(02\)00124-8](https://doi.org/10.1016/S1060-3743(02)00124-8)

HYON, S. Genre in three traditions: Implications for ESL. **TESOL quarterly**, v. 30, n. 4, p. 693-722, 1996. <https://doi.org/10.2307/3587930>

JAKOBSON, R.; BOAS, F. Franz Boas' approach to language. **International Journal of American Linguistics**, v. 10, n. 4, p. 188-195, 1944. <https://doi.org/10.1086/463841>

KRESS, G. **Learning to write**. London, Routledge & Kegan, 1982.

\_\_\_\_\_. Multimodality, Multimedia, and Genre. **Visual rhetoric in a digital world**, p. 38-54, 2004.

LEECH, G. **English in advertising**: a linguistic study of advertising in Great Britain. London: Longman, 1966.

\_\_\_\_\_. Reading images: Multimodality, representation and new media. **Information Design Journal**, v. 12, n. 2, p. 110-119, 2004. <https://doi.org/10.1075/idjdd.12.2.03kre>

LI, J. Transitivity and lexical cohesion: Press representations of a political disaster and its actors. **Journal of Pragmatics**, v. 42.12. 2010. p. 3444-3458. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2010.04.028>

LOPES, G.V et al. **Cantigas Medievais Galego Portuguesas** [base de dados online]. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA. Disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt>. Consulta em: 01 nov. 2016.

MARTIN, J. R. et al. Language, register and genre. **Children writing**: reader, v. 1, p. 984, 1984.

\_\_\_\_\_. Process and text: two aspects of human semiosis. **Systemic perspectives on discourse**, v. 1, n. 15, p. 248-274, 1985.

\_\_\_\_\_. Genre and literacy-modeling context in educational linguistics. **Annual review of applied linguistics**, v. 13, p. 141-172, 1992. <https://doi.org/10.1017/S0267190500002440>

\_\_\_\_\_. Analysing genre: functional parameters. In: JR Martin. **Genre and institutions**: Social processes in the workplace and school, p. 3, 2005.

MILLER, C. R. The cultural basis of genre. In: **Genre and the new rhetoric**. 1994.

OLIVEIRA, Ulisses Tadeu Vaz de et al. **O fenhedor e o precador nas cantigas líricas galego-portuguesas de D. Dinis**: uma perspectiva sistêmico-funcional. 2008. 162 f. Dissertação (Mestrado). LAEL, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

PALTRIDGE, B. Genre, text type, and the English for Academic Purposes (EAP) classroom. **Genre in the classroom**: Multiple perspectives, p. 73-90, 2002.

REYNOLDS, M. The blending of narrative and argument in the generic texture of newspaper editorials. **International Journal of Applied Linguistics**, 10.1, 2000, p. 25-40.

SÁNCHEZ, A. **Cumbre**: corpus lingüístico del español contemporáneo: fundamentos, metodología y aplicaciones. Sociedad General Española de Librería, 1995.

SCOTT, M. **WordSmith tools**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

SINCLAIR, J. McH. Beginning the study of lexis. In: C. E. BAZELL (org.). **In Memory of J. R. Firth**. London: Longman, 1966.

\_\_\_\_\_. Collocation: a progress report. In: R. STEELE & T. THREADGOLD (org.). **Language topics – Essays in honour of Michael Halliday** (Vol. 2). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1987.

SINCLAIR, J. **Corpus, Concordance, Collocation**. Oxford: Oxford University Press, 1991.

SVARTVIK, J. (Org.) **Directions in Corpus Linguistics: Proceedings of Nobel Symposium 82 – Stockholm, 4-8 August 1991** (Trends in Linguistics – Studies and Monographs: 65). Berlin, New York: Mouton De Gruyter, 1992.

SPINA, S. **A lírica trovadoresca**. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 1996.

SWALES, J. **Genre analysis: English in academic and research settings**. Cambridge University Press, 1990.

THOMPSON, G. **Introducing Functional Grammar**. London: Arnold, 1996.

\_\_\_\_\_. Resonance in text. In: SANCHEZ-MACARRO & CARTER, R. (eds.) **Linguistic choice across genres: variation in spoken and written English**. London: John Benjamins, 1998. <https://doi.org/10.1075/cilt.158.05tho>

THORNDIKE, E. L. **Teacher's Wordbook**. New York: Columbia Teachers College, 1921.

VAN DIJK, T. A. Structures of news in the press. **Discourse and communication**, p. 69-93, 1985.

\_\_\_\_\_. **Discourse studies: a multidisciplinary introduction**. v.1 London: Sage, 1997. <https://doi.org/10.4135/9781446221884.n1>

\_\_\_\_\_. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1999.

YUNICK, S. Genres, registers and sociolinguistics. **World Englishes**, v. 16, n. 3, p. 321-336, 1997. <https://doi.org/10.1111/1467-971X.00067>

ZHOU, Q.; YU S. Annotating the Contemporary Chinese Corpus. **International Journal of Corpus Linguistics**, 2.2: 199-238, 1997. <https://doi.org/10.1075/ijcl.2.2.05qia>

Artigo recebido em: 15.11.2016

Artigo aprovado em: 02.04.2017